

MARIA CENTRÍFUGA: A SUBVERSÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER EM MARIA DA VILA MATILDE DE ELZA SOARES.

Alana Lucila Dantas Bezerra de Medeiros¹
Ana Caroline de Medeiros Dantas²
Ruan Kleberon Pereira da Silva³
Juan dos Santos Silva⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso da música Maria da Vila Matilde interpretada por Elza Soares, como agente empoderador da mulher. Uma vez que a música como produto cultural, reproduz e efetiva ideologias conforme o período histórico, assim, durante muitos anos legitimou o discurso machista na sociedade. Porém, com o fortalecimento do movimento feminista, a produção musical foi ressignificada, resultando em produções com conteúdo feminista e de denúncia da violência contra a mulher. Assim, essa pesquisa se insere na Linguística Aplicada, adotando como metodologia a pesquisa qualitativa e utilizando as teorias Música, Cultura e Experiência de John Blacking (2007) e o Dialogismo de Mikhail Bakhtin (1997) para a construção de dados. Destarte, esse texto demonstra como uma mulher, Elza Soares, demarca o espaço de empoderamento metaforizando-se a ela e tantas outras na personagem Maria da Vila Matilde, permitindo a apropriação do que é descrito e denunciado na obra.

Palavras-chave: Maria da Vila Matilde, Elza Soares, Agente empoderador, Mulher, Violência.

INTRODUÇÃO

De acordo com Blacking (2007), a música assume um significado a partir do contexto histórico e social no qual está inserida e é produzida. Dessa maneira, a música é um dos principais agentes de reflexão e efetivação de ideologias. Por essa razão, estando a sociedade brasileira pautado no patriarcalismo, ao longo dos séculos, esse agente efetivou e reproduziu o discurso de superioridade masculina e, conseqüentemente, invisibilizou as mulheres, reduzindo-as a “propriedades” dos homens, além de normatizar práticas como violência doméstica. Contudo, através do fortalecimento do movimento feminista, estes paradigmas vêm sendo questionados e postos em cheque, resultando no empoderamento feminino na sociedade brasileira contemporânea.

Todavia, apesar de todos os direitos alcançados pelas mulheres através do movimento

¹ Graduanda do Curso Técnico Integrado em Alimentos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, alanalubezerra@hotmail.com;

² Graduanda do Curso Técnico Integrado em Alimentos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, anacmdts@outlook.com;

³ Mestre pelo Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ruankpsilva@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Professor substituto de língua portuguesa e literatura do IFRN - Campus Currais Novos e mestrando em Linguística Aplicada (Ppgel-UFRN), juan.silva@ifrn.edu.br.

feminista, a violência doméstica ainda é uma problemática que atinge inúmeras mulheres diariamente. Entretanto, tal realidade não é totalmente conhecida, uma vez que esses crimes são comumente banalizados e naturalizados, devido as estruturas patriarcais vigentes, como a falta de efetivação da Lei Maria da Penha e até no conhecimento popular, como frases: “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Desse modo, as vítimas, que na maioria das vezes são companheiras ou ex-cônjuges dos agressores, segundo o Mapa da Violência de 2015, acabam não denunciando os agressores por razões como medo, vínculo emocional, falta de incentivo dos familiares, entre outros.

Exemplo disso, assim como inúmeras outras mulheres, a cantora Elza Soares também foi vítima da violência doméstica. Todavia, ainda que na época Elza tenha calado-se, hoje ela não teme em manifestar seu posicionamento no meio massivo, seja falando ou cantando sobre violência, transexualidade, negritude, entre outras temáticas transversais.

Desse modo, o álbum *Mulher do Fim do Mundo*, lançado em 2015 reflete as inquietudes de Elza sobre tais temáticas através de canções, como “Maria da Vila Matilde”. Na qual o prólogo da música aborda a violência doméstica a partir do olhar de uma mulher forte e empoderada, que não abaixa a voz e não teme em denunciar o agressor, adotando uma postura contraproducente ao retrato social.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar o discurso presente na letra da música *Maria da Vila Matilde* interpretada por Elza Soares, como agente empoderador da mulher, em especial a negra, conforme as teorias Música, Cultura e Experiência de John Blacking (2007) e o Dialogismo de Mikhail Bakhtin (1997).

METODOLOGIA

Este trabalho insere-se no campo da Linguística Aplicada (LA), área que compreende a língua como uma prática social, expressa nas diversas interações realizadas pelos sujeitos situados em determinado espaço e tempo. Nesse aspecto, esta pesquisa é definida como qualitativa de base histórica, apoiando-se nas teorias Música, Cultura e Experiência de John Blacking (2007) e o Dialogismo de Mikhail Bakhtin (1997).

Assim, partiu-se da concepção de música, como um produto cultural, ou seja, agente reprodutor e efetivador de ideologias conforme o período histórico em que está inserido. Assim, ao longo de muitos anos legitimou o discurso machista na sociedade. Contudo, a partir do fortalecimento do movimento feminista, a produção musical foi ressignificada, resultando em produções com conteúdo da ideologia feminista e de denúncia da violência contra a mulher, a

exemplo da música *Maria da Vila Matilde*, interpretada pela cantora Elza Soares.

Desse modo, o prólogo da música *Maria da Vila Matilde* foi analisado a partir do contexto histórico e social no qual está inserido, compreendendo o espaço de empoderamento demarcado por Elza, ao metaforizar-se a ela e inúmeras outras mulheres na personagem *Maria da Vila Matilde*, proporcionando a apropriação da vivência do que é descrito e denunciado na obra.

DESENVOLVIMENTO

ELZA SOARES: MARIA DA VILA MOÇA BONITA

Elza da Conceição Soares, a mulher do fim do mundo, a cantora do milênio segundo a BBC ou simplesmente Elza Soares é filha de uma lavadeira e de um operário, nasceu na favela da Moça Bonita, no Rio de Janeiro, e aos 12 anos casou-se, obrigada por seu pai e tornando-se mãe ainda na adolescência. Assim, desde cedo, conheceu o machismo e a violência, uma vez que o seu companheiro não a permitia trabalhar fora, além de agredi-la com frequência. Entretanto, aos 21 anos, viúva e com 5 filhos teve que buscar sozinha o próprio sustento, posteriormente enveredando em sua carreira musical.

Cantora, negra, favelada e de condição social vulnerável destaca-se no mundo do samba, em razão da sua voz singular, rouca e performática. Todavia, Elza não esteve isenta de vivenciar as dificuldades de ser uma mulher negra. Ao envolver-se com o jogador de futebol Mané Garrincha foi mais uma vez vítima do machismo, tendo lidado com uma série de julgamentos causados pelo fato de Garrincha ter deixado sua então esposa para casar com uma mulher negra e periférica. Além disso, também era violentada constantemente por ele.

Desse modo, ao longo de toda sua trajetória de vida e carreira, Elza foi resiliente, lidando com inúmeros contratempos e preconceitos no âmbito pessoal, os quais repercutiram diretamente na sua música. Portanto, Elza, mulher negra considerada a cantora do milênio segundo a BBC, símbolo do samba, da MPB e da música contemporânea, já é por si só, um contraponto aos discursos hegemônicos presentes na sociedade. Entretanto, ao interpretar a música *Maria da Vila Matilde*, incentivando a denúncia da violência contra a mulher, Elza demarca o espaço de empoderamento feminino metaforizando-se a ela e tantas outras mulheres na personagem da canção.

LINGUAGEM & GÊNERO & RAÇA

A linguagem é indispensável nas relações sociais, uma vez que é através dela que as interações entre os indivíduos ocorrem. Assim, a língua pode ser compreendida, acima de tudo,

como uma prática social. Desse modo, partindo do entendimento de linguagem do teórico russo Mikhail Bakhtin (1997, p. 316), “O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera.”. Assim, entende-se que o discurso se constrói a partir de, pelo menos, dois seres sociais (interlocutores), logo, constituem um discurso a partir de outros discursos anteriores.

Além disso, operam sobre o discurso forças resultantes do período histórico e social no qual os interlocutores estão inseridos, sendo essas de centralização (centrípeta) e de dispersão (centrífuga). Desse modo, enquanto a força centrípeta promove a unificação e a conservação do discurso hegemônico vigente na sociedade, excluindo a diversidade e o plurilinguismo próprios da linguagem. A força centrífuga atua na desunificação, desfavorecendo os discursos da força centrípeta e promovendo o plurilinguismo. Entretanto, ainda que essas forças sejam opostas, uma existe em função da outra, assim, conforme Bakhtin (2002, p. 82) “Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas.”.

Então, compreendendo a linguagem como uma atividade social é possível perceber como os discursos exercem influência direta na constituição de conceitos, como raça e gênero. Logo, ainda que cientificamente seja comprovada a inexistência de raças como delimitadoras sociais ou ainda a superioridade dos homens sobre as mulheres, conforme Hall (2006, p.13) “a identidade dos indivíduos é definida historicamente e não biologicamente”. Dessa maneira, segundo Alves e Pitanguy (1982), a noção de feminino e masculino, bem como as relações de poder estabelecidas entre os gêneros são determinadas culturalmente:

O “masculino e o “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diretamente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. Aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos. A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. (ALVES PITANGUY, 1982, p. 55).

Portanto, inúmeros padrões de comportamento relacionados à mulher e ao homem são consequência das concepções de gênero determinadas pelo contexto histórico e social, ou seja, forças centrípetas. Assim, o entendimento da superioridade masculina perante a mulher é uma construção cultural resultante da desigualdade entre os gêneros. Todavia, este entendimento está institucionalizado nas relações interpessoais, resultando na manutenção do machismo na sociedade, bem como na submissão feminina ao controle do homem e a delimitação da

liberdade da mulher. Além disso, a violência doméstica também é legitimada pelo discurso de superioridade masculina, uma vez que a mulher é compreendida como “propriedade” do homem.

Entretanto, a partir do século XIX, irrompe um movimento social (o qual pode ser compreendido como força centrífuga) questionador dos paradigmas estabelecidos na sociedade quanto às concepções de gênero. Desse modo, o movimento feminista inicialmente está associado a reivindicações por direitos sociais e políticos, como por exemplo a participação da mulher nas decisões políticas através do voto. Todavia, ao longo da história, também questionou a dominação do homem sobre a mulher e, conseqüentemente, a violência doméstica e sexual, bem como o controle de natalidade, e a realização pessoal da mulher quanto indivíduo. Assim, através do feminismo, as mulheres alcançaram inúmeros direitos, por exemplo o acesso à educação, direitos reprodutivos, direito ao voto e a participação política, além do direito a denúncia contra violência física, verbal e psicológica.

Contudo, ainda que através do movimento feminista as mulheres tenham galgado espaço na sociedade e inúmeros direitos, a violência doméstica ainda é uma problemática que atinge inúmeras diariamente. Em especial, no cenário nacional, apresentando dados alarmantes, que trazem à tona a vulnerabilidade da mulher diante do sistema público de segurança.

De acordo com uma matéria publicada no site do jornal BBC, entre fevereiro de 2018 e fevereiro de 2019 mais de 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil. Esses dados, retratam as conseqüências de falas como “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, que contribuem para a perpetuação da violência doméstica contra as mulheres e provoquem cada vez mais medo nas vítimas, que não encontram apoio, ainda que haja uma lei direcionada à temática em vigor, a *Lei nº 11.340* de 7 de agosto de 2006, conhecida como *Lei Maria da Penha*. Desse modo, tal violência não se limita a um conflito interno à casa, mas é um grave problema social que deixa marcas na vítima, no agressor e em todos que os rodeiam.

MÚSICA: AGENTE CULTURAL

A música, enquanto participante ativa e constante da vivência em sociedade, possui um papel que vai muito além da garantia de entretenimento para as pessoas. Conforme Blacking (2007) são diversas as análises possíveis diante dos estímulos produzidos pela música em sua relação com o ser humano, já que a interação entre a música e o homem será condicionada pela sua própria vivência e sua identificação com o exposto.

Dessa forma, para que se possa compreender a importância da música no meio social é

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

preciso levar em consideração que a valorização e a perpetuação de um agente cultural pelo ser humano estão diretamente relacionadas à sua identificação com as premissas oferecidas por esse agente. Assim, em sua infinidade de estilo e temáticas, a música exerce papel de influência sobre muitas construções sociais, permitindo a todos os povos que a agregação de seus valores seja externada para seus participantes e passada aos seus descendentes.

Além disso, a música também possui a capacidade de construir identidades, permitindo aos estudiosos da antropologia, por exemplo, a identificação de fortes traços culturais de povos com poucos registros de seu passado, a partir de objetos culturais que permaneceram fazendo parte dos seus ritos, das suas comemorações e do seu dia a dia. Do mesmo modo, o conhecimento das marcas musicais desenvolvidas por povos passados, auxilia a compreensão do que era a música para eles, sendo esse um conceito abstrato e sujeito a inúmeras definições.

Nesse prisma, podemos compreender a importância da música Maria da Vila Matilde, configurando-se como uma possibilidade de identificação de diversas mulheres que sofram em estado de violência doméstica, podendo atuar como um agente encorajador, uma vez que a personagem retratada na música se utiliza dos meios de ajuda - no caso, o número um oito zero - e não se cala diante dos atos violentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Maria, mãe de Douglas Germano (compositor da música Maria da Vila Matilde), era constantemente violentada por seu marido e ainda que Germano soubesse que sua mãe era agredida por seu pai, esse fato era mantido como “segredo da família”. Desse modo, o compositor escolheu Elza Soares para cantar a experiência de sua mãe, Maria, moradora da Vila Matilde, vítima de violência doméstica. Uma vez que Elza e Maria, de modo análogo, oriundas da favela, vítimas de relacionamentos abusivos, encontram-se na música que simboliza o empoderamento feminino e a luta contra essa violência. Assim, Elza dá a voz a todas as Marias, mulheres brasileiras vítimas dessa violência.

Em vista disso, o prólogo da música Maria da Vila Matilde constitui um excelente exemplo de como um agente cultural, nesse caso a música, atua como força centrífuga na sociedade, contribuindo para o fortalecimento da ideologia feminista e, por sua vez, o empoderamento da mulher silenciada.

“Cadê meu celular?/Eu vou ligar prum oito zero/Vou entregar teu nome/E explicar meu endereço/Aqui você não entra mais/Eu digo que não te conheço/E joga água fervendo/Se você se aventurar.”

Já na primeira estrofe é nítida a crítica do compositor ao silenciamento das mulheres vítimas da violência doméstica. Tendo em vista, que o ato de “*Ligar prum oito zero*” não é adotado pela maioria das mulheres, uma vez que estando inserida numa sociedade falocêntrica, o discurso da força centrípeta culpabiliza a vítima pela agressão e, conseqüentemente, essa é desincentivada a denunciar, seja pelo medo de ser violentada novamente, pelo constrangimento a que é submetida posteriormente diante da sociedade, a ineficácia do sistema judicial ou ainda pelo fato desses crimes serem entendidos como problemáticas pessoais e não sociais, entre outras motivações. Desse modo, ainda que o número de denúncias registradas na Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência já seja por si só exorbitante, ainda maior é o número de denúncias que não são feitas, por diversas razões.

“Eu solto o cachorro/E, apontando pra você/Eu grito: péguix guix guix guix/Eu quero ver/Você pular, você correr/Na frente dos vizinhos/Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim.”

Quanto a essa estrofe, a primeira análise que pode ser feita é a exteriorização da violência doméstica, na qual os “*vizinhos*” podem ser compreendidos como a sociedade, contrapondo-se a realidade de ocultamento dessa violência. Haja vista, que como destacado anteriormente essa violência é normatizada na sociedade patriarcal, sendo entendida como assunto pessoal entre os envolvidos e, de modo especial, para as mulheres como um constrangimento perante a sociedade. Além disso, a construção da superioridade masculina é ironizada através da provocação “*Eu quero ver/Você pular, você correr/Na frente dos vizinhos*”, uma vez que o homem, símbolo de força e coragem é colocado para “*correr*” por uma mulher, tida como inferior e frágil, assim, o constrangimento é transferido para o agressor e não limitado a vítima.

“E quando o samango chegar/Eu mostro o roxo no meu braço/Entrego teu baralho/Teu bloco de pule/Teu dado chumbado/Ponho água no bule/Passo e ofereço um cafezim/Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”

O uso de expressões como “*samango*”, “*baralho*”, “*pule*” e “*dado chumbado*” remetem ao repertório linguístico de uma determinada classe social, situada à margem da sociedade. Uma vez que conforme Bakhtin (2006, p.96):” A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.”, desse modo, a ocorrência dessas palavras evidencia os aspectos sociais intrínsecos a violência doméstica. Tendo em vista que, embora essa violência atinja a todas as mulheres, segundo a Pesquisa Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, publicada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado em 2017, dentre as mulheres que

declararam ter sofrido algum tipo de violência, 74% eram negras, além disso, 58% daquelas que já sofreram algum tipo de violência independentemente da raça, declararam ter renda de até dois salários mínimos. Ou seja, a violência doméstica acomete majoritariamente mulheres negras e de baixa renda.

“E quando tua mãe ligar/Eu capricho no esculacho/Digo que é mimado/Que é cheio de dengo/Mal acostumado/Tem nada no quengo/Deita, vira e dorme rapidim.”

Nessa estrofe é externada a institucionalização do machismo, através da propagação de valores e comportamentos machistas. Exemplo disso, a partir da frase “*Deita, vira e dorme rapidinho*” pode-se conceber que a perpetuação desses comportamentos é inserida ainda no seio familiar, por meio do entendimento de que a mulher deve estar pronta para servir ao homem, baseando-se na retrógrada divisão de funções na qual a mulher é responsável pela manutenção do lar, refletindo no homem “*mimado*” e “*mal acostumado*”.

“Mão, cheia de dedo/Dedo, cheio de unha suja/E pra cima de mim? Pra cima de muá? Jamé, mané!/Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim.”

É notório o empoderamento da mulher, vítima da violência, consciente de sua condição enquanto ser humano, refletindo no entendimento que nenhum homem deve se sentir no direito de levantar a mão em sua direção. Além disso, pode ser compreendido a partir do contexto de uma sociedade falocêntrica que a “*Mão, cheia de dedo*” é uma referência a convicção de que o homem possui mais privilégios quando comparados às mulheres e seus corpos. Ademais, na frase “*Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim*” é nítido o posicionamento de uma mulher que não se curvará frente as desigualdades e violência vivenciadas, desse modo, contrapondo-se ao comportamento padrão das vítimas da violência doméstica.

Portanto, ao difundir através da música *Maria da Vila Matilde* uma representação feminina que foge dos padrões sociais estabelecidos de subjugação ao homem, Elza, fomenta a constituição de uma consciência coletiva das mulheres quanto as suas vivências e, conseqüentemente, o empoderamento feminino contrapondo-se ao aos discursos centrípetos impostos pela sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na relação estabelecida entre a música *Maria da Vila Matilde* da cantora Elza Soares e os conceitos de gênero, raça, violência e linguagem trabalhados é evidenciada a importância dessa música no prisma sociocultural brasileiro. Visto que sendo a música um agente transformador de pensamento e construtor de novos hábitos culturais, a existência de

composições como Maria da Vila Matilde que contrapõem-se as ideologias hegemônicas na sociedade, encorajando a denúncia por parte das vítimas da violência doméstica e, conseqüentemente, refletindo no empoderamento feminino é imprescindível para a formação de uma sociedade mais democrática e humana. Dessa forma, esperamos que tantas outras mulheres brasileiras vítimas de violência se inspirem nos exemplos de Elza ou das Marias (da Vila Matilde e da Penha), e denunciem seus agressores, lutando contra uma sociedade patriarcal, excludente e injusta, para que um dia músicas com a temática abordada sejam só a lembrança de um presente superado a duras penas. O caminho é longo, sabemos; mas ele só se faz ao caminhar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é FEMINISMO**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. **ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **QUESTÕES DE LITERATURA E ESTÉTICA: A Teoria do Romance**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 16, n. 16, p.201-218, 30 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064/55695>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.